

Homens em Bordéis

Hommo-sexualité na comercialização
do sexo no Rio de Janeiro

Thaddeus Blanchette

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
thaddeus.blanchette@gmail.com

Ana Paula da Silva

Universidade Federal Fluminense (UFF)
ana51@uol.com.br

01

Resumo

Poucas pesquisas realizaram observações sobre os clientes masculinos de prostitutas. Apesar disso, um consenso parece existir entre as feministas (e entre muitos cientistas sociais) de que o que os homens fazem em bordéis pode ser reduzido à “objetificação das mulheres” ou mesmo à “exploração sexual”. O presente artigo, baseado em treze anos de pesquisa etnográfica nos bordéis do Rio de Janeiro por dois pesquisadores (uma mulher negra carioca e um gringo branco), procura desafiar essa visão ao descrever os comportamentos normativos de homens e mulheres em bordéis. Acreditamos que os estudos existentes dependem muito de uma visão relativamente simplista da “dominação masculina” na compreensão do que se passa nos bordéis. Tomando emprestado o conceito de *hommo-sexualité* da estudiosa feminista belga Luce Irigaray (1973), argumentamos que esses espaços são mais bem compreendidos como palcos sobre os quais os homens promulgam e renovam os desempenhos de uma sexualidade centrada no masculino para um público principalmente masculino. As mulheres atuam nestes minidramas: sua imanência como agentes é parte necessária dessa *mise-en-scène*. As ações e o consentimento das mulheres são cruciais, pois reafirma a centralidade – a própria (in)diferença – da sexualidade masculina.

Palavras-chave: Prostituição, clientes, *hommo-sexualité*, objectificação, Rio de Janeiro.

Abstract

Little research has been done regarding male clients of female prostitutes. In spite of this, there seems to be a consensus among feminists (and among many social scientists) that what men do in brothels can be reduced to “the objectification of women” or even outright “sexual exploitation”. The present article, based on 13 years of ethnographic research in the brothels of Rio de Janeiro by two researchers (one black, native born and female, the other white, foreign born and male), seeks to challenge this view by describing common male and female behaviors

in brothels. We believe that existing studies rely too much on a relatively simplistic view of “male domination” in understanding what goes on in brothels. Borrowing the concept of *hommo-sexualité* from Belgian feminist scholar Luce Irigaray (1973), we argue that these spaces are better understood as stages upon which men enact and renew performances of masculine-centered sexuality for a primarily male audience. Women act in these minidramas: their immanence as agents is a necessary part of the *mise-en-scène*. Women’s actions and consent are crucial as they reaffirm the centrality – the very in-difference – of masculine sexuality.

Keywords: Prostitution, clients, *hommo-sexualité*, objectification, Rio de Janeiro.

Se existe tal coisa – ainda – como o prazer feminino, então é porque os homens precisam para se manter em sua própria existência. É útil para eles: ajuda eles aguentarem o que é intolerável em seu mundo como seres falantes, para ter uma alma que é estranha àquele mundo: uma alma fantasmagórica... É bem óbvio quem tem que assumir a responsabilidade para preservar essa fantasia. As mulheres não têm alma: servem como garantia da alma do homem.

Luce Irigaray, 1973

Introdução

Pouca pesquisa tem sido feita sobre os clientes masculinos de prostitutas¹ femininas. O que existe tende a ser proveniente da saúde pública, do campo jurídico e da psicologia. Essas pesquisas geralmente são de natureza quantitativa, focadas em saber se os homens são ou não “normais” (Monto & McRee, 2005; Monto & Milrod, 2013; Brewer et

¹ Usaremos “prostituta” e “trabalhadora do sexo” intercambiavelmente para referir às mulheres que vendem sexo.

al, 2008; Brewer & Roberts, 2006; Gibbens & Silberman, 1960); em suas motivações (Kern, 2000; Winick, 1962); em suas contribuições para a violência contra as mulheres (Farley et al, 2015, Monto, 2000); e em seu perfil criminal (Diana, 1985).

Algumas teóricas feministas também falam sobre clientes (Farley, Golding, Bindel, 2009; Jeffereys, 1997), mas não parecem ter gasto muito tempo observando-os. Mesmo a psicóloga Melissa Farley, que entrevistou centenas de clientes (2017), não faz mais do que falar com eles. Poucas feministas e menos ainda abolicionistas têm passado tempo em bordéis, observando as interações de trabalhadoras do sexo e seus clientes.

Em geral, os pesquisadores parecem ser mais confortáveis aplicando questionários aos clientes em vez de “compartilhando o tempo” com eles (Johannes Fabian, 1983). Não podemos explicar porque esse ponto cego se desenvolveu nos estudos da prostituição, mas achamos que parte da resposta está numa visão persistente da prostituição como uma relação composta por vitimizadores machos e vítimas femininas. Esta visão se baseia em pressupostos tomados *a priori* sobre homens e mulheres, sexo e trabalho.

Nossas primeiras visitas a locais de trabalho sexual nos mostraram como é problemática esta dicotomia vítima/vitimizador. Não é que as relações que observamos não refletissem as vantagens sociais, políticas e econômicas significativas e persistentes dos homens: é que essas relações não são mais (ou menos) ilustrativas ou típicas do patriarcado do que as relações observadas nos casamentos, empregos, namoros, etc.

Nossa pesquisa etnográfica tem demonstrado como as relações entre as profissionais do sexo e seus clientes são variáveis, uma qualidade que não é facilmente captada por questionários. Observando homens e mulheres interagindo em bordéis, é difícil concordar com o senso comum feminista que estes são espaços onde as mulheres são mais objetificadas. Os bordéis são, sim, espaços de dominação de gênero – como são praticamente todos os espaços sociais. No entanto, será que esse domínio é principalmente expresso através da objetificação? Essa seria mais presente em bordéis do que em bares, por exemplo? Os

homens estão nos bordéis principalmente para exercer o domínio sobre as mulheres? Em caso afirmativo, como é que essa dominação é feita?

Estas são algumas das perguntas que a etnografia pode responder.

O artigo é uma avaliação breve do comportamento de clientes masculinos em bordéis, baseada em treze anos de trabalho etnográfico no Rio de Janeiro. Como tal precisa ser acompanhado por uma advertência: a venda e compra de sexo não são (ainda) criminalizadas no Brasil. No entanto, muitas coisas ligadas ao trabalho sexual são criminalizadas como, por exemplo, manter um bordel. No entanto, o Rio tem cerca de 300 pontos onde o sexo é vendido comercialmente (Blanchette & Silva, 2009). Este é o resultado de uma “regulamentação oficial extra-oficial” da prostituição, onde os bordéis são tolerados pelas autoridades, desde que paguem “propinas” (Blanchette, Murray & Mitchell). Isso significa que os pontos de sexo comercial operam mais ou menos abertamente no Rio. Os homens que frequentam não fazem de forma furtiva, fugindo da polícia. Assim, advertimos os leitores que os tipos de homens que frequentam bordéis cariocas e as relações observadas nestes espaços podem não ser aplicáveis a outros tipos de regimes legais/sexuais.

Outro aviso: o que descrevemos abaixo não é aplicável a todos os homens em todos os bordéis, mesmo no Rio de Janeiro. Apesar das afirmações das abolicionistas de prostituição, os homens frequentam bordéis por uma ampla variedade de razões (Blanchette & Silva 2005). O que descrevemos abaixo é “normativo” no sentido durkheimiano (Durkheim, 1998), porém, é um comportamento observável em quase todo o bordel no Rio e, muitas vezes, é o principal tipo de comportamento encontrado. Acreditamos que as observações apresentadas nesse artigo formam um entendimento melhor daquilo que os homens costumam fazer nos bordéis do que a noção, já suada, senso comum, que eles compram os corpos das mulheres ou – pior ainda – as estupram (Farley, 2017).

Nossas experiências de campo nos levam a acreditar que as teorias existentes dependem muito do conceito de “objetificação das mulheres” e uma visão relativamente simplista da “dominação masculina” na compreensão do que se passa nos bordéis. Tomando emprestado o

conceito de *homo-sexualité* (traduzido aqui como homossexualidade) de Luce Irigaray (1973), argumentamos que esses espaços são melhor compreendidos como palcos, nos quais os homens atuam e renovam *performances* da sexualidade masculina para um público principalmente masculino. As mulheres são agentes e atuam nestes mini-dramas. A imanência dessas mulheres é parte necessária da *mise-en-scène*. As ações e o consentimento das mulheres são cruciais, pois reafirmam a centralidade – a própria (in)diferença – da sexualidade masculina.

Embora existam muitos tipos de homens em bordéis – e muitas fantasias sexualizadas sendo empenhadas nesses espaços – as *performances* que mais observamos evocam a agressão feminina e a passividade masculina, pelo menos em termos sexuais. Como veremos, porém, isto não deve ser levado como uma espécie de empoderamento feminino. Ironicamente, nos bordéis – e diferentemente dos relacionamentos sexuais/afetivos entendidos como “normativos”² – o comércio *com* (em vez *de*) mulheres é necessário, mesmo que a fantasia principal que está sendo comercializada é a centralidade da (in)diferença sexual masculino. Suspeitamos que isto é uma das razões pelas quais os bordéis são simultaneamente espaços tradicionais e liminares: prometem uma fuga das relações normativas de gênero, sem ameaçar o domínio masculino. Contém (em ambos sentidos) a imanência das mulheres enquanto agentes sexuais.

Cenas do campo

Começaremos com uma discussão de quem somos e como são os bordéis no Rio de Janeiro, antes de passarmos para algumas descrições de incidentes que temos encontrados no trabalho de campo e que provocaram o presente artigo.

² Por “supostamente normativa” queremos dizer relacionamentos sexuais/afetivos que são entendidos como baseados no prazer, afeto mútuo e reciprocidade. Todavia, como afirma José Miguel Olivar Nieto (2013) e como nossas próprias experiências sustentam, preocupações econômicas, afetivas e morais permeiam todos os mercados sexuais e afetivos (Piscitelli, 2004), borrando a linha entre a “prostituição” e as relações “normativas”.

Temos trabalhado como etnógrafos associados ao coletivo das prostitutas Davida por treze anos. Thaddeus é um imigrante branco, que vive há 26 anos no Brasil. Ana Paula é uma carioca nativa e negra. Somos parceiros sexuais/afetivos e co-pesquisadores. Pelo fato de sermos um casal binacional, bi-racial e heterossexual, somos constantemente identificados na rua como trabalhadora sexual e cliente. Isso tem ajudado nossa pesquisa, pois mesmo que nós nos identifiquemos como antropólogos, as pessoas raramente acreditam nessa afirmação.

Nossas pesquisas originalmente começaram na zona de intersecção entre sexo e turismo no bairro de Copacabana no Rio de Janeiro (Blanchette & da Silva, 2005). Foram expandidas para contemplar o Centro do Rio, sendo isto a maior concentração de pontos de comércio sexual na cidade (Blanchette & da Silva, 2011) e, finalmente, para a Vila Mimosa, a única “zona fechada”³ do Rio. No curso desse trabalho, mapeamos quase 300 pontos de comercialização de sexo na cidade, tendo feito pesquisas etnográficas em quase a metade dessas e mantendo uma presença constante nos vinte pontos mais populares e movimentados.

Há uma variedade de locais sexuais comerciais no Rio de Janeiro que descrevemos em outro lugar (Blanchette & da Silva 2011; Blanchette & Schettini, 2017). No entanto, os contornos dos locais sexuais “fechados” da cidade (bordéis) seguem um padrão geral. Existe uma entrada, que pode ser um corredor simples. Balcões estão estacionados aqui e, em bordéis mais luxuosos, aqui é onde as caixas registradoras estão localizadas. Na entrada, cada cliente recebe uma *comanda*, que é um pedaço de papel constando o consumo de bens e serviços que podem ser comprados. Este espaço abre para um salão, contendo uma pista de dança, um bar, talvez um pequeno palco e *pole*. A música aumenta neste espaço, incentivando as conversas a uma distância íntima e forçando clientes e prostitutas a socializarem de maneira mais contundente. Há uma porta que leva a um espaço segregado onde os

³ No sentido de ser uma zona geográfica e moral distinta que especializa-se no comércio sexual (Park & Burgess, 1925).

quartos (ou cabines) podem ser alugados. Antes de ir para os quartos, um casal para na caixa registradora e anota o programa, recebendo um preservativo, que o homem paga.

O negócio que permite que os bordéis funcionem no Brasil é que a casa não tem nada a ver com a prostituição: apenas aluga quartos e vende comida e bebida. Tecnicamente, isso é verdade, pois a taxa da mulher para o programa não é tocada pela casa. Na realidade, o programa e a tarifa do quarto vão na comanda e os programas do homem custam o mesmo, por hora, a fim de evitar a competição feminina. As mulheres podem cobrar os clientes por “serviços especiais” (por exemplo, sexo anal, sexo oral livre de preservativos, etc.) e receber um preço maior por esses serviços. As taxas de aluguel de salas são de 25 a 40% do total pago pelo cliente. Quando o cliente sai, as despesas são calculadas na mesma conta. As mulheres recebem seu dinheiro em uma base diária, semanal ou quinzenal.

Algumas casas são mais elaboradas. As termas (saunas heterossexuais), por exemplo, fazem com que os clientes se vistam com roupão antes de entrar no salão. Essas casas podem ter piscinas, saunas, salas de fumantes, salas de televisão, e etc. A descrição é apenas um esboço simples de como quase todos os locais de prostituição fechados no Rio operam.

A primeira coisa a notar nestes espaços é que as mulheres não formam fila para os homens. Em todo nosso trabalho de campo no Rio, vimos as mulheres passivamente se exibirem para os homens apenas uma vez. Em todas as outras ocasiões, o contato inicial entre os sexos ocorreu na mistura geral da sala comum. Fora as roupas vestidas pelas mulheres (geralmente calcinhas e sutiãs ou trajes de banho), o comportamento neste espaço não é muito diferente daquilo observado num bar regular. Os homens vêm sozinhos, em pares, ou em grupos, compram bebidas e ocupam mesas. Eles falam entre si e geralmente ignoram as mulheres. São as mulheres que se movem em direção aos homens, muitas vezes de forma tão decisiva que pode alarmar os visitantes que entram no bordel pela primeira vez. A agressão feminina e a relativa passividade masculina parece ser a regra na grande maioria das primeiras aproximações.

Uma noite durante a Copa do Mundo de 2014 seguimos um grupo de chilenos que procuravam um bar para celebrar a vitória de seu time. Encontramos o grupo na Praça da República, onde tinham visto a placa de néon de um pequeno *fast foda*⁴. Caminharam em linha reta para o estabelecimento e subiram as escadas de seu corredor de entrada. Os chilenos desembarcaram no salão do bordel e ficaram cara a cara com a gerente feminina e oito profissionais do sexo, que estavam lixando suas unhas e navegando pela internet em seus celulares. Ambos os grupos pararam e se olharam por um instante. As mulheres pularam das cadeiras e caíram em cima dos homens, separando os chilenos e os arrastando em direção às mesas enquanto faziam perguntas aos homens e gritavam ordens à gerente: “Olá, querido! De onde você vem? Quer uma cerveja? Quer companhia? Priscila, bota o Bob Marley! Traz umas cervejas!”

Antes que os homens pudessem formar respostas, foram levados para mesas separadas, uma cerveja gelada para cada um e uma mulher ao lado. As mulheres falaram sem parar, passando suas mãos sobre as virilhas e os peitos dos homens. A música reggae começava a tocar no *juke box* do clube. Foi preciso mais de meia hora e várias cervejas (e recusas cada vez mais expressivas por parte dos chilenos) antes que eles conseguissem sair das mesas, pagar uma conta substancial e descer escadas abaixo, livres, para a noite.

Um termo pejorativo para prostitutas no Brasil é “piranha” e situações como a descrita acima demonstram como essa alcunha pode ter nascido. A noite em questão foi lenta e isso contribuiu para a cena quase caricatural que se desdobrava na nossa frente. Contudo, em nossa experiência, a agressão feminina e a passividade masculina são a norma nos bordéis cariocas, tanto que o processo de convencer um cliente a pagar pelo sexo é muitas vezes chamado de “sedução” pelas profissionais do sexo no Rio de Janeiro. As mulheres gastam enormes quantidades

⁴ Um tipo de bordel, pequeno, barato e geralmente sujo, especializado na venda de programas de menos de vinte minutos.

de tempo e energia (sem remuneração alguma) tentando convencer os homens a pagar por um programa.

Dizemos a nossos pesquisadores alunos do sexo masculino que, se eles querem ver como se sente uma mulher em um bar típico, devem entrar num bordel. Nestes espaços, os homens costumam ser palpitados, cutucados, apertados, bolinados e fungados pelas mulheres. Os alunos acabam rindo, mas muitas vezes demonstram sinais de pânico quando o inevitável começa a acontecer com eles nos bordéis. Colocando a ideologia machista de lado, ser tratado dessa maneira não é uma experiência divertida para muitos homens.

Tão comum, porém, é a sedução verbal. As vezes, isto parece como se a mulher estivesse tentando “sintonizar” nos gostos do homem, tentando descobrir qual papel ela pode fazer para se engajar nas suas fantasias. Um exemplo disto aconteceu com Thaddeus numa boate em Copacabana. Descobrimo que ele era professor, sua interlocutora se apresentou como uma “aluna de comunicação” que estava fazendo um filme sobre um professor que se apaixonava por uma prostituta de Copacabana. Quando essa estratégia não empurrou Thaddeus para pagar por um programa, ela começou a mostrar fotos de suas crianças para ele, comentando das saudades que sentia de suas crias. Thaddeus mais uma vez repetiu que não queria fazer programa com ela e a interlocutora, mais uma vez, mudou de estratégia e tom emocional, sentando no colo de Thaddeus e enfiando a mão por baixo de sua camisa para brincar com os bicos de seus seios – tudo isto em menos de quinze minutos. Em outra ocasião, na mesma boate, uma mulher aproximou-se de Thaddeus com a seguinte pergunta: “Quer ver umas fotos da minha xota?” Quando ele respondeu em negativo, ela imediatamente trocou de estratégia: “Ahn. Então quer ver fotos das meus filhos?”

Tais mudanças abruptas em tom emocional são comuns nos bordéis cariocas. Estoicismo e passividade parecem ser a regra para os homens nessas interações. As mulheres fazem o trabalho de sedução, empregando elementos dramáticos ou retirados de suas vidas ou inventados, enquanto os homens – mais sim que não – ignoram as mulheres.

Como uma de nossas interlocutoras, Pamela⁵, uma paulista branca de 38 anos comentou: “Tem gente que acha que [a prostituição] é simplesmente dizer, ‘Ô! ‘Tou vendo a buceta, hein!’ Quem diria! ‘Miga, nesta cidade, você tem que ralar se você quer que alguém te come!’”

A opinião de Pamela faz eco entre muitas de nossas interlocutoras, profissionais do sexo. De acordo com essas mulheres, o que os homens principalmente querem, num bordel, é “sentir-se o cara”. Elas afirmam que “os homens estão aqui, principalmente, para beber com seus amigos e não para pagar por programas.” Essa é uma das maiores frustrações expressas pelas prostitutas cariocas: elas fazem trabalho emocional, seduzindo os homens e os fazendo sentir “o tal”, mas só recebem se o homem paga por sexo. As trabalhadoras sexuais de Copacabana tem um termo êmico para o homem que ocupa espaço num bordel, aceitando as atenções das mulheres mas nunca pagando um programa: *fariseu*⁶. A raiva que elas sentem frente a esse tipo de comportamento não deve ser subestimada. O único ato público de violência séria por parte de uma trabalhadora do sexo contra um cliente⁷ foi justamente direcionado contra um *fariseu*: esse levou uma cadeirada na cabeça por uma prostituta frustrada após de horas de “vai-não-vai” na negociação de um programa.

Como carioca negra, Ana Paula experimenta a “sedução” de um ângulo diferente. Às vezes, amigas e colegas comentam que ela deve ter coragem para entrar num bordel como mulher. Ana responde que não precisa de coragem pois é frequentemente ignorada: com tantas mulheres nuas e seminuas tentando atrair a atenção dos homens (e, na maioria das

⁵ Os nomes de todas nossas interlocutoras foram mudados para proteger seu anonimato.

⁶ Do comentário de Jesus que as prostitutas entrarão no reino do céu antes dos fariseus. As trabalhadoras sexuais têm definido o termo para nós da seguinte maneira: “um fariseu é um homem que se acha melhor que uma prostituta e gasta seu tempo à toa”.

⁷ A violência simbólica contra os clientes (insultos, etc.), a violência física menos grave (lançar bebidas no rosto de um cliente) e a violência grave não pública (matar clientes durante um programa, aumentar suas bebidas com telhados, roubar clientes) são ocorrências relativamente comuns no Rio de Janeiro.

vezes, sem sucesso), uma mulher vestida que nem fala com os homens é quase sempre ignorada. Ana Paula foi quem primeiro notou a coisa mais interessante sobre os homens em bordéis: eles geralmente focalizam sua atenção em outros homens. Em muitos casos parece que as mulheres são puramente decorativas, tão pouca atenção recebem dos homens. Os bordéis são espaços de dominação masculina, mas raramente no sentido de serem espaços onde homens objetificam ou coagem a mulher (mais do que normalmente). Na maior parte dos casos, as mulheres são tratadas como se elas simplesmente não existissem.

Nos pontos de prostituição mais baratas e decadentes (*e.g.*, muitos *fast fods*), geralmente se vê menos socialização masculina que em espaços mais caros e luxuosos (as *termas*, por exemplo). Todavia, em ambos os lugares o olhar masculino tende a cair em outros homens. As mulheres acabam sendo bolinadas e palpitadas, mas, em geral, quando se está negociando o programa. Os homens que não querem pagar por sexo tendem a manter sua atenção focada em outros homens. Dentro dessas cenas, Ana tem relatado em seus trabalhos que nunca se sentiu tão invisível, enquanto mulher, como nos salões dos bordéis.

A Vila Mimosa é a única “zona” tradicional no Rio, uma área moral descendente das estabelecidas pelas políticas de confinamento da prostituição do início do Século XX (Blanchette & Schettini, 2017). Mais ou menos 70 *cabarés* pequenos atualmente existem na Vila e a zona é frequentada, majoritariamente, por homens das classes populares, que pagam por volta de 50 reais por 20 minutos de sexo nas *cabines* desses estabelecimentos. A “VM” é o único espaço de prostituição onde Ana Paula tem recebido atenção sexual masculina e, mesmo assim, só uma vez e de um jeito bem polido. Um homem aproximou a Ana quando ela estava entrevistando uma trabalhadora do sexo e perguntou, “Com licença, mas você está trabalhando?” “Sim,” Ana respondeu. “Mas como antropóloga. Estou colecionando depoimentos.” “Ahn! Mas que pena,” falou o homem, sorrindo. “Desculpa ter te atrapalhado.” E ele saiu andando.

Durante os Jogos Olímpicos de 2017, Ana teve outra experiência interessante na VM, junto com uma colega negra. As duas passaram cerca de seis horas numa *cabaret* na Vila, entrevistando profissionais do sexo e assistindo os Jogos na televisão. Elas foram largamente ignoradas pela clientela, não sentindo pressionadas, assediadas ou agredidas durante todo esse tempo. Depois, então, Ana e sua colega caminharam para um bar de rock, ao lado da Vila Mimosa, para comer hambúrgueres e organizaram suas notas de campo. Nesse espaço entendido como “normativo”, os clientes masculinos do bar se recusaram a deixá-las sozinhas. Eventualmente, o assédio tornou-se tão irritante que Ana e sua colega deixaram o bar.

Sendo que as mulheres são mais agressivas nos bordéis e os homens mais passivos, a linguagem corporal dos dois gêneros muitas vezes inverte-se nesses espaços. Os homens – especialmente os homens desacompanhados – sentam-se encurvados, com os braços e as pernas dobradas, enquanto as mulheres se espalham nas cadeiras e nos sofás, braços esticados, pernas esfregando contra as dos homens. Quando os homens concordam fazer um programa, é a mulher que geralmente os pegam pelas mãos, como se os homens fossem crianças, os levando aos quartos ou *cabines*. É claro, alguns homens retribuem os avanços das mulheres e não pagam para o programa mais tarde. Se isso acontece muitas vezes, porém, o homem ganhará uma reputação como *fariseu* e as mulheres deixarão de prestar atenção nele.

Essa agressão feminina costuma ser fruto das leis do mercado, não das regras da casa. Em apenas duas ocasiões, temos visto gerentes pedindo que as profissionais do sexo “se levantem das cadeiras e atuem no salão”, puxando conversas com os clientes. Ambos os casos ocorreram no pequeno *prive* no Centro, enquanto as mulheres estavam terminando seu almoço. Em ambos os casos, as mulheres simplesmente não foram até ao salão até que se sentiam prontas. A agressão feminina se estende à violência. Como mencionamos acima, só ouvimos falar de um ato público, sério, de violência dirigida por uma garota de programa contra um cliente. A violência entre as mulheres é muito mais frequente

nos bordéis. Quase sempre a briga acontece porque uma mulher acusa outra de tentar “roubar seu” cliente (fazer ele pagar por um programa). Nossos informantes masculinos concordam que as mulheres tentam “marcar” seus territórios, estabelecendo e defendendo clientes como exclusivos. Um interlocutor afro-americano de 45 anos afirma o seguinte:

Você não quer sair com a mesma garota várias vezes ou você terá uma namorada. Nenhuma outra garota do bordel virá até você, a menos que ela o permita. Se você quiser ir com outra menina, a “sua” vai te apresentar às amigas dela. Você é a propriedade dela, agora. Se você for a outro bordel, na próxima vez que você voltar, ela estará lá, dizendo: “Ouvi então que você foi ao X?” Estou dizendo: a putanet é mais veloz do que a internet.

As mulheres que “roubam” os clientes das outras podem encontrar atos violentos que podem ir de drinques jogados na cara até ao assassinato. Num bar em Copacabana, uma “ladra” habitual supostamente envenenada com um pacote de vidro em pó, em vez de cocaína, morrendo logo em seguida de uma hemorragia pulmonar. Pamela descreve a lógica econômica por trás desse comportamento agressivo:

Geralmente têm mais mulheres que homens [num bordel]. Somente alguns homens pagarão o programa. Se você fica por trás, eles vão te ignorar. Os homens não querem caçar mulheres: querem ser caçados. Se você quer ganhar dinheiro, você precisa ir atrás deles. Seduzir eles.

Nossos interlocutores clientes confirmam a opinião de Pamela. Quando perguntamos a eles porque vão aos bordéis, a resposta mais comum é “para relaxar”. Uma noite durante os Jogos Olímpicos, conversamos com Alex, um homem de 38 anos, moreno, freguês de uma boate no centro do Rio. Alex era bem bonito e sarado. Vestia-se com sandálias havaianas, calças de moletom e camiseta. Estava sentado num sofá no

canto do salão, bebendo uma caipirinha e batendo papo com meia dúzia de outros homens. Por causa de seu corpo e jeito, achávamos que ele era, talvez, um atleta olímpico. Quando dissemos isto a ele, Alex sorriu:

Que nada! Sou policial militar. Fora do expediente, é claro. Venho para cá relaxar após dias ruins no trabalho. Falo com amigos e tento me acalmar antes de voltar a casa. Ninguém me perturba aqui. Ninguém insiste. Se as garotas vêm e quero pagar um programa, pago. Em geral, só fico aqui porque gosto da atenção.

Outros homens que pagam por sexo falam sobre a experiência em termos de conveniência e economia. Fernando, um advogado branco de 40 anos diz:

Isto é a melhor maneira de gastar dinheiro para o sexo. Se você sai com uma mulher [fora da prostituição], vai gastar, tipo, 300 reais. Talvez vai transar. Mas vai ter que conversar, seduzir... Aqui [uma boate em Copacabana], pago 300 reais, posso beber com os amigos e o sexo é garantido. Não tem que fazer nada: as mulheres vêm atrás de você. Você se sente uma estrela de rock. E elas não te perturbam depois.

Este fator do “dia seguinte” é também uma razão pelo qual os homens afirmam frequentar bordéis. Em várias ocasiões, homens têm repetido para nós o ditame suado que “não se paga pelo sexo: paga-se para ela ir embora no dia seguinte”. Isto é particularmente verdadeiro para o caso para maridos. Este exemplo podemos conferir no depoimento de um inglês branco, banqueiro, de 55 anos de idade e que descreve sua opinião sobre os bordéis da seguinte maneira:

Vamos dizer que tenho uma amante. As pessoas podem nos descobrir. Ela talvez vai me ligar quando minha esposa está em casa. Ela vai dizer que não vai se apaixonar mas é mentira.

Vai virar um escândalo. Mas aqui [uma boate em Copacabana] ninguém sabe nada de nada. Estou feliz porque posso transar e manter meu casamento. As moças estão felizes porque recebem dinheiro. Minha esposa está feliz porque não tem escândalo.

Os bordéis sabem bem que muitos clientes são casados. Nas termas sofisticadas uma televisão na sauna pode ser sintonizada às notícias do trânsito, proporcionando aos homens os meios para criar uma desculpa para quando chegarem tarde em casa. O estabelecimento é geralmente registrado sob um nome inócuo – “C. Carlos Comes & Bebes”, por exemplo – para que as contas do cartão de crédito não chamem a atenção.

Hommo-sexualité

Mas porque é que a necessidade - ou a possibilidade - de sexo sem compromisso é um componente tão importante para esses homens “relaxarem”? Muitas respostas a essa pergunta foram apresentadas por nossos interlocutores masculinos, mas a mais sucinta foi oferecida durante nossa pesquisa inicial sobre Copacabana, em 2004: “Por que é que um cachorro lambe suas bolas? Porque pode, ora”. Certamente, o apelo do “zipless fuck” (“trepada sem compromisso”, Jong, 1973) transcende o gênero. Depois de conhecerem os bordéis carioca, muitas de nossas colegas femininas (especialmente as que estão acima dos 40) observam que, se tais lugares existissem para as mulheres, ficariam tentadas a frequentá-los. Mas isso não explica por que tais lugares não existem, nem por que tantos homens dizem que suas visitas aos bordéis atendem a uma “necessidade”.

Uma das explicações mais comuns que ouvimos é que, ao contrário das mulheres, os homens têm uma “necessidade biológica” de fazer sexo com muitos parceiros. De acordo com essa visão – tradicional na filosofia sexual ocidental – os bordéis permitem que os homens mantenham a monogamia social enquanto exercem um imperativo biológico. Esta explicação não é sustentada por nossas observações, porém, pois os homens que usam bordéis com frequência são, muitas vezes, consumi-

dores ávidos de medicação para disfunção erétil. Tais pílulas podem ser compradas diretamente nos bordéis mais exclusivos do Rio de Janeiro e seu uso é tão normalizado que nossos informantes anglófonos apelidaram o Viagra de “Vitamina V”. Se a “necessidade” masculina por sexo remunerado fosse predominantemente explicado por razões biológicas, porquê, então, esse consumo constante das pequenas pílulas azuis? Outra hipótese é que os homens que frequentam bordéis acham que o sexo é um direito masculino. Certamente, há homens que se sentem assim e esses podem ser encontrados em bordéis como também podem ser encontrados em bares, igrejas e em campi universitários. Novamente, porém, esta não pode ser a razão pela qual a maioria dos clientes parece frequentar os bordéis. Por mais incrível que possa parecer para algumas pessoas, existem boas provas de que o consentimento das mulheres é importante para esses homens.

Ambos os clientes e as profissionais do sexo com quem falamos são inflexíveis em traçar uma linha entre a venda consensual de sexo e estupro. Muitas prostitutas não gostam do trabalho sexual, mas insistem na primazia do controle e consentimento das mulheres. “Eu decido o que acontece, quando e com quem”, fala Simone, uma trabalhadora do sexo carioca, morena, de 28 anos:

Eu falo com o cliente e descubro o que ele quer. Concordamos sobre a duração do programa. Ele tem esse tanto. Se goza antes do fim, acabou. Se não consegue ficar duro, acabou. Se precisa de mais tempo, ele pague. Mas se eu digo “não” ele não tem o que dizer. Ele não me compra.

Ambas trabalhadoras sexuais e clientes são claros sobre um ponto: embora podem referir retoricamente à prostituição como “a venda do corpo”, o corpo da trabalhadora sexual não é alienado no programa: vender sexo não é “vender o corpo”. Esse fato fica óbvio quando refletimos que uma “venda” verdadeira do corpo significaria que o comprador teria o direito de revendê-lo – algo que nunca

acontece nos bordéis cariocas⁸. Como a ativista e trabalhadora sexual Indianara Siqueira afirma, “Meu bem, se eu ‘vendesse meu corpo’ não teria nada aqui falando com você”.

A negociação determina o que é permitido no programa. Indo além do combinado sem permissão é entendido como estupro por todas as trabalhadoras do sexo e a grande maioria dos clientes com quem conversamos. Isto é, claro, uma idealização, da mesma maneira que a noção do consentimento fora dos bordéis é uma idealização⁹. O estupro na prostituição não é considerado um acontecimento normativo, porém, nem pelas trabalhadoras do sexo, nem pelos clientes. Uma vez, numa discussão em um website de clientes, um homem admitiu estuprar uma trabalhadora sexual. Ele afirmou que tinha negociado para o sexo anal, mas a mulher decidiu que não queria fazê-lo. Ele a forçou. Dos nove homens que responderam à história, apenas um defendeu o lado do estuprador e esse rapidamente foi sufocado nos gritos de ultraje dos outros oito, que chamaram o homem de estuprador. Alguns pediram para ele ser removido do site; outros queriam denunciá-lo à polícia; outros ameaçaram espancá-lo. Um empregou um slogan feminista comum para comunicar seu desagrado: “Não significa não”. Ele continuou:

Em primeiro lugar e sobretudo, essas mulheres são seres humanos. Para deixar claro, não estou dizendo que pagar por sexo é “estupro”. Estou dizendo que, se você força qualquer pessoa, prostituta ou não, a fazer qualquer coisa contra sua vontade isto é estupro.

⁸ Da mesma maneira, o bordel não é o “dono” do corpo da trabalhadora sexual. Nunca temos encontrado uma prostituta escrava, embora tais pessoas certamente existam (como existem escravos em quase todas as indústrias).

⁹ O que o “consentimento” significa no capitalismo patriarcal é algo que discutimos em outro lugar (da Silva & Blanchette, 2017; Blanchette, da Silva & Camargo, 2014).

Dentro desse contexto, diante de que o senso comum pensa sobre os clientes de prostitutas, a maioria deles não parecem sentir que sexo é um direito seu. Como David, um afroamericano de 42 anos afirmou, de forma bem sucinta, “Se eu achasse que sexo fosse um direito meu, eu certamente não estaria pagando por sexo”.

Uma terceira hipótese é que os homens vão a bordéis para objetificar as mulheres. Mas o que é objetificação e será que isto é algo necessariamente tão ruim assim? Como a feminista Martha Nussbaum salienta, “nem todos os tipos de objetificação são igualmente censuráveis”. Nussbaum nos convida a avaliar cuidadosamente os contexto e circunstâncias quando olhamos para a objetificação e ela nos fornece uma lista de “sete maneiras de tratar uma pessoa como uma coisa”: instrumentalidade, negação de autonomia, inerência, fungibilidade, violabilidade, propriedade e negação de subjetividade (Nussbaum, 1995: 256-257). Rae Langton adiciona mais três características a essa lista: redução ao corpo, redução à aparência, e silenciamento (Langton, 2009: 228-229).

Nos bordéis cariocas, a instrumentalidade, negação de subjetividade, redução ao corpo, redução à aparência, e o silenciamento aparecem com frequência nas relações entre clientes e prostitutas. Embora Nussbaum aponte que a presença de só uma dessas características pode significar a objetificação, é claro que, comparativamente falando, a objetificação é geralmente tão ou até mais presente em outras formas de interação entre homens e mulheres no Rio. Como assinalamos (Blanchette, da Silva e Camargo, 2014), trabalhar em um restaurante ou como doméstica invoca a instrumentalização, negação de autonomia, fungibilidade, negação de subjetividade, inércia, o silenciamento e, muitas vezes, a redução à aparência. O cortejo sexual/afetivo “normativo” pode envolver todas as dez características. Certamente, o casamento tradicional pode ser mais objetificador do que a prostituição.

Estamos em terra mais firme se presumimos que os homens vão aos bordéis para objetificar sexualmente as mulheres. Mas como, então, equacionar essa presunção com a indiferença que tantos homens demonstram para as mulheres nos bordéis? Se a pulsão primária

atrás da presença masculina nesses espaços é a objetificação sexual, porque é que os homens nos bordéis gastam tanto tempo fazendo tudo menos olhar às mulheres?

Acreditamos que a feminista belga Luce Irigaray pode nos oferecer uma perspectiva nova. Em sua crítica de Freud e Lacan, Irigaray (1973) postula que existe uma in-diferença (no sentido de indiferença e no sentido da negação de uma sexualidade feminina como diferente da masculina) básica frente ao feminino. Ela rotula essa de *hommo-sexualité*, analisando a sexualidade dos homens com algo que não pode contemplar as mulheres como seres sexuais separados. Como indica a epígrafe no início desse artigo, dentro dessa visão de mundo, os homens precisam das mulheres (e, de fato, do desejo e prazer das mulheres, desde que esses reflitam o falo masculino) para se (re)criar. Assim, o desejo e prazer masculino precisam ser refletidos nas performances das mulheres, situando as mulheres, assim, não como objetos, mas como agentes num horizonte de possibilidades que é limitado pelo masculino.

A fantasia principal que os homens consomem nos bordéis é de sua centralidade. O bordel inverte o comportamento normativo da paquera: os homens se transformam no centro da atenção, sendo caçados e as mulheres caçadoras (Olivar Nieto, 2013); os homens são os desejados e as mulheres desejadoras. É significativo neste sentido que a raiz indo-europeu para a palavra “whore” em inglês (e “caro” em português) é *horaz*: “quem deseja” (Raccioppi, 2009). Os homens nos bordéis buscam uma objetificação condicional e temporária de se enquanto homens – uma objetificação a que sempre podem escapar através do simples expediente de sair do bordel.

A análise de Irigaray se baseia na troca “normativa” de sexo e afeto, porém, e não na prostituição. Irigaray admite que não tem pensado sobre o comércio do sexo, mas parece que ela presume que tal comércio é um simples caso de homens vendendo mulheres a outros homens (Irigaray, 1978). Todavia, as mulheres não são “propriedade” dos bordéis no RJ e, para dizer a verdade, nunca encontramos nenhum cafetão em todos nossos anos de pesquisa, se por “cafetão” queremos

dizer um homem que controla a mulher e é “dono” de sua sexualidade a ponto de poder vendê-la. Portanto, é difícil entender a dinâmica comercial dos bordéis como homens vendendo mulheres a outros homens – mesmo que simbolicamente.

Então, o que é que os bordéis cariocas vendem, além de bebidas e uma atmosfera do “clube do Bolinha”? Segurança, tanto para a trabalhadora do sexo quanto para o cliente. Pegando novamente a análise de Irigaray, esses lugares providenciam uma “quebra de circuito” na presunção subjacente de (homo)sexualidade que as mulheres devem ser trocadas entre os homens como propriedade. O arranjo básico das trocas sexuais sob condições de patriarquia é que a mulher troca sexo para seu sustento e o sustento de seus filhos e isto dá ao homem uma autoridade permanente em cima dela. A “permanência” normativa desses relacionamentos que o cliente teme é também temida pelas mulheres na forma da violência de gênero, do roubo, da posse. A prostituta que trabalha sozinha precisa negociar sem ajuda esse terreno socialpsicológico que é notoriamente cheio de contradições perigosas pois, como comenta Irigaray, “os homens engajam-se no comércio de [mulheres] mas não entram em nenhuma troca *com* elas” (Irigaray, 1978: 172). As mulheres que presumem negociar o sexo *com* os homens fazem isto por seu próprio risco.

O bordel, no entanto, fornece uma estrutura dentro da qual essas negociações podem ser realizadas com razoável facilidade. Fornece um palco e os *props* para fazer valer a mais querida fantasia dos homens – sua centralidade e in-diferença sexual masculina – enquanto assegura as condições para a negociação feminina.

A chave para a aplicação desta fantasia dentro dos bordéis cariocas é a dominação, no sentido atribuído por Max Weber: a probabilidade de que os comandos sejam obedecidos (1999). Esses “comandos”, no entanto – que fazem que os homens nos bordéis possam se sentir “os caras” – têm apenas uma legitimidade condicional e temporária. Eles não são apoiados por nenhuma autoridade legal, tradicional, ou carismática. São obedecidos apenas na medida em que

foram previamente negociados com mulheres e pagos. O “comando”, em outras palavras, há de ser inscrito na *comanda*.

Referências

Blanchette, T.; da Silva, A.P. (2005) “Nossa Senhora da Help’: Sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana”. *Cadernos Pagu* #25. Pp. 249-280.

Blanchette T.; da Silva, A.P. (2011) “Amor um real por minuto – a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano”. In: *Sexualidade e política na América latina: histórias, intersecções, paradoxos*. RdJ : Sexual Policies Watch, 2011, v.1, Pp. 192-233.

Blanchette, T.; da Silva, A.P.; (2014) Camargo, G. “Idealismo alemão e o corpo alienável: repensando a ‘objetificação’ no contexto do trabalho sexual” In: Simões, S. org. *Prostituição e Outras Histórias de Amor*. 1 ed. Niterói : Editora da UFF, 2014, p. 101-121.

Blanchette, T.; Murray, L.; Mitchell, G. (Forthcoming) “Discretionary Policing, or the Lesser Part of Valor: Prostitution, Law Enforcement, and Unregulated Regulation in Rio de Janeiro’s Sexual Economy.” *Criminal Justice and Law Enforcement Annual: Law Global Perspectives*. V.1. P. 21-40

Blanchette, T.; Schettini, C. (2017) “Sex Work in Rio de Janeiro: Police Management without Regulation”. In: M. Garcia, et al, orgs. *Sex Sold in World Cities: 1600s-2000s*. Leiden, Holanda: Brill.

Brewer, D; Roberts Jr. J. (2006) “Estimating the prevalence of male clients of prostitute women in Vancouver with a simple capture–recapture method.” *Journal of the Royal Statistical Society: Series A (Statistics in Society)*, v169, #4. Pp. 745–756.

Brewer, D.; Roberts Jr., J; Muth, S.; Potterat, J. (2008) “Prevalence of Male Clients of Street Prostitute Women in the United States”. *Human Organization*, v. 67, #3, Pp. 346-356.

Da Silva, A.P.; Blanchette, T. (2017) “Por amor, por dinheiro? Trabalho (re)produtivo, trabalho sexual e a transformação da mão-de-obra feminina”. *Cadernos Pagú*, #50.

- Diana, L. (1985). *The prostitute and her clients: Her business is your pleasure*. Springfield, IL: Charles C Thomas.
- Durkheim, E. (1998). *Durkheim: Sociologia*. Org. José Albertino Rodrigues.SP: Editora Ática.
- Fabian, Johannes (1983) *Time and the Other: How Anthropology Makes its Object*. New York: Columbia University Press.
- Farley, M. (2017) “Very inconvenient truths: sex buyers, sexual coercion, and prostitution-harm-denial”. *Logos: A Journal of Modern Culture and Society*. Accessed at <http://logosjournal.com/2016/farley-2/> on October 23, 2017.
- Farley, M., Bindel, J. and Golding, J.M. (2009) *Men who buy sex: who they buy and what they know*. Eaves: London and Prostitution Research & Education: San Francisco. <http://www.prostitutionresearch.com/c-prostitution-research.html>
- Gibbens, T.C.N.; Silberman, M. (1960) “The Clients of Prostitutes.” *The British Journal of Venereal Diseases*, v26, #2. Pp.113-117.
- Irigaray, L. (1973) “Cosi Fan Tutti”. In: Irigaray, L. (1985) *This Sex which is Not One*. Ithaca, NY: Cornell University Press. Pp. 86-105.
- Irigaray, L. (1978) “Women on the Market”. In: Irigaray, L. (1985) *This Sex which is Not One*. Ithaca, NY: Cornell University Press. Pp. 170-191.
- Jeffreys, S. (1997) *The idea of prostitution*. North Melbourne: Spinifex Press.; Plumridge, E.W., Chetwynd, S.J., Reed, A. (1997) Control and condoms in commercial sex: client perspectives. *Sociology of Health & Illness* 19 (2). Pp. 228-243.
- Jong, E. (1994 [1973]) *Fear of Flying*. London: Vintage Publishing.
- Kern, R.M. (2000) Where’s the action? Criminal motivations among prostitute clients. Ph. D. in Sociology, Vanderbilt University.
- Langton, R. (2009) *Sexual Solipsism: Philosophical Essays on Pornography and Objectification*. Oxford: Oxford University Press.
- Monto, M. A. (2000). “Why men seek out prostitutes”. In R. Weitzer (Ed.), *Sex for sale: Prostitution, pornography, and the sex industry* New York: Routledge. Pp. 67-83.

- Monto, M.A.; McRee, N. (2005) "A Comparison of the Male Customers of Female Street Prostitutes With National Samples of Men." *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v.49, #5.
- Monto, M.A.; Milrod, C. (2013) "Ordinary or Peculiar Men? Comparing the Customers of Prostitutes With a Nationally Representative Sample of Men." *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v.58, #7.
- Nussbaum, M. (1995) "Objectification", *Philosophy and Public Affairs*, 24(4). Pp. 249–291.
- Olivar Nieto, J.M. 2013. *Devir Puta: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Park, R.; Burgess, E. (1984 [1925]) *The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. Chicago: University of Chicago Press.
- Piscitelli, Adriana. (2004) "On Gringos and Natives, gender and sexuality in the context of international sex tourism". *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, , v. 1, year 1.
- Raccioppi, K. (2009). "From 'Friend' to 'Whore'". Living Language: Politics, Philology, Theory. At [www.http://livingwithlanguage.wordpress.com/2009/03/02/from-friend-to-whore](http://livingwithlanguage.wordpress.com/2009/03/02/from-friend-to-whore), accessed on 6/8/2017.
- Weber, M. (1999 [1922]). "The Three Types of Legitimate Domination" in *Essays in Economic Sociology*. Princeton: Princeton University Press, pp. 99-108.
- Winick, C. (1962). "Prostitutes' Clients' Perception of the Prostitutes and of Themselves". *International Journal of Social Psychiatry*, v8 #4.